



5º Simposio de Ensino de Graduação

ANÁLISE DO CONCEITO DE HOMEM NA FILOSOFIA DE FRIEDRICH NIETZSCHE

Autor(es)

JOSÉ DE ASSIS MORAES JÚNIOR

Orientador(es)

José Lima Júnior

1. Introdução

Para além da frieza teórica dos sistemas filosóficos e dos conceitos constitutivos de emaranhadas e estanques redes simbólicas encontramos Friedrich Nietzsche, filósofo alemão, e sua escrita perturbadora. Imeroso em um movimento dinâmico, natural ao pensamento e a sua própria contradição interna, Nietzsche compôs uma obra de reflexão, cujo centro residia em inquirir a respeito de uma metafísica de artista, sediada, sobretudo, na análise histórica do aparecimento da pulsão dionisíaca no mundo da arte grega. Os impulsos apolíneo e dionisíaco são, conforme ele o afirma, elementos formativos da estrutura metafísica do sujeito artista. O presente trabalho, portanto, preocupou-se em analisar os textos nietzscheanos na perspectiva da pergunta quem é o sujeito artista na filosofia de Nietzsche? E é justamente olhando para essa primeira questão que outra pergunta emergiu como uma urgência para o terreno de nossa compreensão, a pergunta a respeito da possibilidade de um conceito de homem para a filosofia de Nietzsche. Enfim, o que trataremos nas páginas do presente texto são questões referentes à possibilidade antropológica ou ontológica de um dado conceito de homem dentro dos ditames da obra nietzscheana.

2. Objetivos

Seguir a história das muitas correntes filosóficas nos impeliria, com raríssimas exceções, a análises sempre metafísicas das essências humanas. Os modelos metafísicos de explicação do mundo circunscrevem, sobretudo, um tipo de interpretação pautada nas antigas querelas platônico-socráticas e aristotélicas. A pergunta a respeito da possibilidade de uma metafísica para além das linhas gerais e do lugar-comum da tradição filosófica exige um tipo de olhar crítico, cuja característica primeira consiste num movimento de desconstrução das estruturas vigentes, sedimentadas na cultura ocidental, sobretudo pela filosofia moderna e pelo Cristianismo. Portanto, o objetivo do presente trabalho, primeira parte de uma escrita monográfica, consiste em analisar a perspectiva nietzscheana das interpretações metafísicas do homem e concluir, com isso, um outro lugar possível para o conhecimento da essência humana, a arte.

3. Desenvolvimento

O desenvolvimento do presente trabalho se deu com a leitura e fichamento dos escritos de Friedrich Nietzsche e, mais especificamente, com a leitura e fichamento d'O Nascimento da Tragédia, primeira grande obra do filósofo de Sils Maria. Em seguida, com a socialização das idéias fundamentais em aula, quando da disciplina Prática de Escrita Filosófica, ministrada pelo professor e orientador José Lima Júnior, algumas idéias foram sendo lapidadas e sedimentadas no corpo final da escrita.

4. Resultados

Uma primeira questão cuja validade nos obriga a fazer referência quando da pergunta a respeito de quem seja o sujeito artista na filosofia de Friedrich Nietzsche e, mais especificamente, no livro O Nascimento da Tragédia, é compreendermos que nos lançamos aqui não simplesmente para dentro de uma investigação meramente ontológica e, quem sabe, antropológica, da essência artística, na medida em que estas ciências – ontologia e antropologia – se definem quando da pergunta sobre um dado conceito de homem para o qual Nietzsche, no decorrer de sua carreira filosófica, desferirá férrea empreitada demolidora. O malogro de uma empreitada filosófica que se arremete para dentro do pensamento nietzscheano, configura-se, sobretudo, na impossibilidade de se escapar à análise sempre metafísica de um conceito de homem. E, portanto, incorrer no erro maior deflagrado pelo filósofo de Sils-Maria, o erro da verdade metafísica. O homem é algo que deve ser superado, ele afirma (Nietzsche, 1998, p.12). O conceito mesmo de homem, sua estrutura ontológica e antropológica, sua validade metafísica, cuja verdade se apresenta sempre revestida do caráter pretensamente universal, é já em si mesmo uma aberração, um desvio degenerescente. A antropologia, ou ainda, a pergunta a respeito de um conceito de homem, nesse caso, só evidencia, nos termos nietzscheanos, um perigoso olhar para trás. A simples proposição da questão a respeito do homem esconde, por detrás de imensas arquiteturas conceituais metafísicas, ontológicas e antropológicas, o próprio homem, o homem mesmo. Não existem mais espaços onde tal afirmação subsista. O homem é uma corda amarrada e suspensa no abismo em que a ausência de sentido apregoa, numa primeira fase niilista, o nada. Uma resposta para a questão – o que é o homem? – não é mais uma possibilidade. É olhando para esse primeiro problema que a atitude filosófica impulsiona a repensar a urgência de uma definição – não cristalizada, contudo! – do sujeito artista a que derramo atenção no presente trabalho. Penso na amplitude frente a qual nos colocaríamos diante de uma tal (re)definição de subjetividade. Ademais, é preciso constatar aqui uma severa cisão entre a questão antropológica e a questão da subjetividade. Problemas com denominações e conceitos, muitas vezes vazios, serão aqui freqüentes. A crença na fugacidade do claustro que é o conceito, irrecusavelmente, seduzirá o trajeto de tal análise em direções e aberturas sempre novas, a ininterruptas interpretações, a alterações sempre constantes no exercício de excursão aqui pretendido. A investigação, agora, põe de lado o conceito cadavérico de homem, como o fez Nietzsche, e se preocupa, antes, com o que seja, segundo ele, a construção da subjetividade artística; lembrando, contudo, a relação que este, o poeta da poiesis artística, no seu encantamento sedutor, estabelece com um outro, como é o caso da reconciliação do homem com o homem quando do êxtase dionisiaco. Segundo Nietzsche, toda forma de apreensão da verdade, fundada na clausura que é o conhecimento, e toda construção tumular da veracidade, que é o sentido, exigências fisiológicas para a preservação de uma determinada espécie de vida (Nietzsche, 1992, p.11), à manutenção decrépita da vida, mostram com que necessidade indigente se aproximam conceito e significado. Logo, o que se encerra no conceito de homem deve ser tão rapidamente exposto como lisonja, mentira, dissimulação, ilusão, engano. Toda tentativa humana de contornar essa fragilidade na conceituação é fruto, afirma Nietzsche, de um minuto arrogante, do minuto mais soberbo e mais mentiroso da história universal, em que os animais inteligentes inventaram o conhecimento (Nietzsche, 1983, p.45). Com que sinceridade a questão a respeito da possibilidade da verdade como petrificação de determinados conceitos precisa ser extirpada! Não há verdades possíveis! Antes, segundo Nietzsche, num processo ininterrupto de interpretações muito esparsas, são dados, sob a roupagem da ironia e do sarcasmo, alguns instrumentos com os quais a verdade instantânea ainda não escapa a sua própria diluição numa interpretação subsequente. Em Crepúsculo dos Ídolos, no capítulo intitulado O Problema de Sócrates, aforismo II, Nietzsche adverte sobre a necessidade de estender ao máximo as mãos e fazer a tentativa de apreender essa espantosa finesse [finura], a de que o valor da vida não pode ser estimado (Nietzsche, 2006,

p.18). O que se questiona aqui é mais a inverdade que reside no ato do conceito, da vontade de verdade do conceito, do que a aparente referência ao sentido da vida. Segundo o filósofo do martelo, para quem a possibilidade do valor, primeiro instrumento do exercício que engessa a verdade, lugar comum da metafísica socrática, ponto de referência segundo o qual a confecção do sentido tem a sua gênese, cresce e solidifica, é nula e, portanto, inexistente, é apenas graças à sua capacidade de esquecimento que o homem pode chegar a supor que possui uma verdade (Nietzsche, 1983, p.47). O que mais impróprio e mentiroso do que a busca por uma dada verdade que se configura, no decorrer da história universal, em conceitos muito simplificadores, fugitivos e muito pífios? O que quero com tal argumentação é, na verdade, situar o lugar de proposição dos problemas que levanto no presente trabalho. Para tanto, a alusão à impossibilidade de existência de um conceito definidor, sobretudo quando nos referimos a quem seja o sujeito artista para a filosofia de Nietzsche, mostra-se uma urgência. Portanto, a máxima inscrita em Assim Falava Zaratustra sobre a necessidade de superação do homem – nos termos nietzscheanos, o homem é algo que deve ser superado! – expressa a ânsia de abandono de um dado conceito de homem que esse fundamenta na degenerescente moral socrática e que, mais tarde, se transmutará naquela moral cristã cuja essência Nietzsche afirma como fruto de um movimento desenfreado de decadência. Em O Anticristo, Nietzsche expõe, também de forma muito transparente, a ardência do seu desprezo ao homem moderno, ao tipo do homem moderno. Ele diz, para não deixar qualquer dúvida sobre o que desprezo e a quem desprezo: é o homem de hoje, o homem de quem por fatalidade sou contemporâneo. O homem de hoje - sufoco com o seu hálito impuro. (Nietzsche, s/d, p.60). Para Nietzsche, a crítica, cujo fundamento é a negação do tipo de homem moderno e de um conceito moderno de homem, estabelece estreita relação com a urgente refutação ao Cristianismo, na medida em que o projeto civilizatório levado a cabo por este engendra e consolida o tipo de homem que encontramos na modernidade. O homem moderno é fruto da hierarquia dos valores que se consolidaram no Cristianismo. Nietzsche, em Para a Genealogia da Moral, a fim de compreender de que movimento histórico e cultural nasce o fruto que colhemos modernamente no que se refere à construção da subjetividade, efetua uma aproximação teórica entre Sócrates, Platão e o Cristianismo. Essa aproximação, fomentada pelo ponto médio do conceito de decadência, os emparelha naquilo que é o seu traço comum: a vontade ascética. É o ascetismo, a negação da vida, justificada pelo paradoxo de conservação e triunfo da vida, que perpassa essas três manifestações históricas e culturais, unindo-as. O caráter ascético é, portanto, o veículo condutor da gama de valores oriundos dessa ramificação existente entre Sócrates, Platão e o Cristianismo. O caráter ascético, na verdade, institui uma moral que estimula [como toda moral] a aquisição e manutenção de determinadas atitudes, transformando com o passar do tempo [a si mesmo!] em condições de existência para o tipo humano por elas determinado. (Onate, 2000, p.65). Em Labirintos da alma: Nietzsche e a auto-supressão da moral, Giacóia Jr afirma que o Cristianismo é a força plástica que engendra a forma típica do homem moderno, consagrando-a como tipo ideal. (Giacóia Júnior, 1997, p.29). É a partir dos ideais cristãos, segundo Nietzsche, que devemos atentar para a formação do conceito de homem; eles determinam o tipo histórico do homem moderno. Vale lembrar que, com o advento do Cristianismo, um tipo de homem emerge da determinação moral ascética dele decorrente. Giacóia, em sua interpretação das questões levantadas por Friedrich Nietzsche, advoga estar no Cristianismo a força maior que traz à tona um tipo de niilismo expresso em menor grau em Sócrates e Platão. Devemos compreender, neste sentido, que o Cristianismo é ascetismo tornado absoluto e difundido universalmente numa determinada tábua de valoração. O movimento histórico, no qual o Cristianismo se consolidou – e se consolida, ainda hoje – pela sublimação do judaísmo e do paganismo greco-romano, como verdade escatológica de toda religião, foi então responsável por um advento importante na concretização de seu projeto político e ideológico, ou seja, o advento de sua mundanização, sua secularização. Precisamos, segundo Giacóia, abandonar a singeleza de considerar o Cristianismo unicamente do ponto de vista religioso. Embora, algumas reações causadas pela Reforma efetivaram no Cristianismo, entendido no seu caráter absolutista, em certa medida, tênues superações, os valores cristãos, ou seja, os juízos de valor dos cristãos sustentam-se ainda como não superados. A lei, o Estado moderno e a estrutura moral que legitima a veracidade de ambos em última instância são rebentos da antiga força do Cristianismo.

5. Considerações Finais

É a partir da averiguação de que o Cristianismo forja um tipo de homem fundado na negação de si, cujo fim constata-se falsamente veraz e válido e que, não obstante, permanece ainda fio condutor de toda conceituação antropológica e metafísica, incorrendo já em metafísica, é que creio urgente a proposta de re-definição do conceito de homem. Só a partir do reconhecimento da aridez do terreno conceitual no qual o sentido de homem se aloja como elemento imprescindível da formulação estética do sujeito artista é que, a fim de evitar a decadência do presente trabalho sob pena de ser lido como mera análise metafísica do artista, respiro ainda a possibilidade de tal empresa. É preciso, para tanto, negar o tipo de homem moderno se se pretende inquirir honestamente a respeito da natureza do homem artista exposto pela filosofia a marteladas. É ainda mais preciso compreender em que rede conceitual confusa o tipo de homem moderno, resultado da trama e urdidura da herança metafísica socrática e do Cristianismo, está acomodado e silenciosamente dado quando da simples proposição do problema do homem.

Referências Bibliográficas

GIACÒIA JR, Oswaldo. **Labirintos da alma: Nietzsche e a supressão da moral**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém**. Tradução de Paulo Osório de Castro. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo**. Trad. de Artur Morão. Lisboa: Edições 70.

ONATE, Alberto Marcos. **O crepúsculo do sujeito em Nietzsche ou como abrir-se ao filosofar sem metafísica**. São Paulo, Discurso Editorial-Editora Unijuí, 2000.